

Economista do Bird diz que a batalha ainda não terminou

por Fernando Dantas
de São Paulo

O economista Amar Bhattacharya, especialista em fluxos privados de capital e globalização financeira, ficou positivamente surpreso com as informações e dados sobre o novo ciclo de investimentos no Brasil, durante o seminário desta sexta-feira, em São Paulo. Ele observou, inclusive, que a força do fluxo de capitais para o Brasil não se repete, no momento, em outras economias emergentes.

Bhattacharya, um profundo conhecedor do sucesso das economias do Leste asiático, fez questão de deixar claro, porém, que a retomada do investimentos e do crescimento sustentado no Brasil não é uma batalha ganha. "Há riscos", apontou o economista: "No momento, a taxa de juros está muito alta, e a essência do desafio é consolidar o novo ciclo de investimentos, trazendo para baixo os juros; o fator-chave é o ajuste fiscal", acrescentou.

Para ele, uma série de desafios têm de ser superados para que o Brasil consolide uma nova etapa de crescimento. Se as reformas não forem feitas, provavelmente os fluxos de capital e investimentos não serão mantidos.

O economista observou que a contenção dos gastos públicos pode acomodar o aumento de demanda no setor privado. Para Bhattacharya, a reforma da Previdência pode ajudar tanto no lado fiscal quanto na formação de poupança e investimentos privados. Ele não se refere, é claro, à tímida tentativa de reforma em curso atualmente no Brasil, mas a mudanças que efetivamente equilibrassem financeiramente a Previdência.

Outro fator importante, para Bhattacharya, é a estabilidade das regras do jogo. Ele lembrou que, em muitos países em desenvolvimento, existem atualmente leis favoráveis à entrada de capitais externos. Nos mesmos lugares, no entanto, "leis são substituídas por decretos, e decretos são substituídos por medidas

administrativas", gerando insegurança para os investidores.

A privatização é outro campo em que o Brasil poderia avançar mais, para o economista do Bird. "Comparado com outros países da região, o Brasil tem muito para privatizar", ele disse.

Um ponto em que o Brasil perdeu competitividade de forma particularmente intensa, para Bhattacharya, são os custos trabalhistas. Ele observou que estes custos são mais altos no Brasil do que no Leste e Sul asiáticos, e na Europa do Leste. Esta característica, aliás, ocorre também em outros países latino-americanos. "Os custos trabalhistas na Argentina são quase tão altos quanto os dos Estados Unidos", disse.

Para Bhattacharya, o forte fluxo de capital para o Brasil atualmente poderia até ter consequências negativas, se fosse usado para financiar consumo e não investimentos. "Neste caso, as próximas gerações terão de pagar a conta", ele disse.

No momento, acrescentou o economista, os capitais que fluem para o Brasil ainda são mais ligados a investimentos de portfólio (basicamente em ações e bônus), e em menor escala a investimento direto no setor produtivo, apesar dos avanços recentes deste último.

A predominância dos investimentos de portfólio, porém, não deve ser vista como algo ruim. "Dependendo do país, estes investimentos podem ser de curto ou longo prazo; normalmente, a intenção do investidor, até pelo custo destas operações, é de deixar o dinheiro por um prazo maior, mas é claro que a liquidez é importante", disse Bhattacharya.

Para o economista, o importante é considerar os fluxos brutos de capitais para um país, e não líquidos. A diversificação de risco, em um cenário de globalização, faz com que seja desejável para os investidores, mesmo em um país emergente, a colocação do seu dinheiro em diferentes áreas geográficas. ■